



**DISCURSO DE RECEPÇÃO DE JOSÉ LUIS
GÓMEZ-MARTÍNEZ NA ACADEMIA BRASILEIRA DE
FILOSOFIA¹**

Ricardo Vélez Rodríguez

Coordenador do Centro de Pesquisas Estratégicas

“Paulino Soares de Sousa” - UFJF

Professor Emérito da ECEME – RJ

Professor do Departamento de Filosofia – UFJF

Coordenador do Núcleo de Estudos Ibéricos e Ibero-Americanos - UFJF

rive2001@gmail.com

Excelentíssimo Senhor Presidente da Academia Brasileira de Filosofia,
professor doutor João Ricardo Moderno,

Excelentíssimos Senhores Membros da Diretoria da Academia Brasileira de
Filosofia,

¹ Palavras pronunciadas na Cerimônia de posse de José Luis Gómez-Martínez, como membro efetivo e perpétuo da Academia Brasileira de Filosofia, Rio de Janeiro, 18 de Maio de 2005.

Excelentíssimas Autoridades aqui presentes,
Prezados Confrades da Academia,

Meu prezado amigo e novo membro da Academia, professor doutor José
Luís Gómez Martínez,

Ilustríssima Senhora Beatrice Gómez Martínez,

Senhoras, Senhores:

Cabe-me a honra de apresentar, nesta solenidade, o meu distinguido amigo José Luis Gómez Martínez, que hoje toma posse da cadeira no. 21 da nossa Academia. Faze-lo constitui, para mim, motivo de dupla satisfação. Em primeiro lugar, por ver entre os membros deste ilustre sodalício um dos mais importantes pesquisadores, a nível mundial, na área de história das idéias. Em segundo lugar, pelo fato de poder reconhecer, nesta noite, de público, os méritos acadêmicos do prezado amigo, com quem colaboro desde os idos de 1986 no Projeto Ensayo, por ele concebido e eficientemente dirigido ao longo de todos estes anos, tendo dado ensejo, hoje, ao mais destacado portal dedicado à cultura ibérica e ibero-americana, na rede internacional de computadores.

Conheci José Luis Gómez Martínez em meados dos anos 80, na residência do pensador e diplomata boliviano, já falecido, Guillermo Francovich, autor de clássico estudo intitulado *Filósofos Brasileiros*², obra pioneira de um hispano-americano sobre a nossa meditação filosófica. Poucos anos antes, tinha estabelecido contato com Francovich por intermédio do comum amigo Antônio

² Francovich, Guillermo. *Filósofos Brasileiros*. (Prefácio de Gerardo Dantas Barreto; adendo de Antônio Paim). Rio de Janeiro: Presença, 1979.

Paim, mestre inspirador da historiografia contemporânea das idéias filosóficas e Membro Fundador desta Academia. Assim, pela mão desses dois grandes vultos da meditação ibero-americana, Antônio Paim e Guillermo Francovich, terminei virando amigo e colaborador do nosso homenageado José Luis Gómez Martínez.

O novo membro da Academia, que hoje toma posse, nasceu em Soria, Espanha, em 1943. Coursou estudos de pós-graduação na Alemanha (Heidelberg e Munique) e nos Estados Unidos (Chicago e Iowa City). É Doutor em Filosofia e Letras, com especialização em Literatura e Pensamento Hispânico. Tendo saído da sua pátria natal em 1963, radicou-se desde 1967 nos Estados Unidos da América, onde é Catedrático de Pensamento Hispânico na Universidade de Georgia. Foi Presidente da SILAT (Society for Iberian and Latin-American Thought). José Luis Gómez Martínez publicou mais de cem trabalhos sobre temas tão variados no contexto da cultura ibérica e ibero-americana como o erasmismo, Francisco de Quevedo y Villegas, Saavedra Fajardo, Pérez Galdós, o krausismo espanhol e ibero-americano, o pensamento da libertação, o indigenismo, Ortega y Gasset, Américo Castro, Sarmiento, Samuel Ramos, José Antonio Rodó, Rômulo Gallegos, Guillermo Francovich, José Gaos, Alfonso Reyes, Marcos Anguinis, Leopoldo Zea, entre outros. Esses seus trabalhos têm sido publicados em importantes revistas internacionais como *Abside*, *Anthropos*, *Atenea*, *Corréo Cultural*, *Cuadernos Americanos*, *Cuadernos Salmantinos de Filosofia*, *Diálogos*, *Diorama de la Cultura*, *Discurso Literário*, *Estudios Interdisciplinarios de América Latina y el Caribe*, *Hispania*, *Hispanic Review*, *Humanitas*, *Los Ensayistas*, *Nueva Revista de Filología Hispánica*, *Opinión Pedagógica*, *Quinto Centenário*, *Revista Iberoamericana*, *Revista de Ideas Estéticas*, *Revista Mexicana de Cultura*, *Última Hora*, *Vozes*, etc.

Dentre os livros de José Luis Gómez Martínez podemos mencionar os seguintes: *Américo Castro y el origen de los Españoles* (1975); *Teoría del Ensayo* (1981, segunda edição, 1992); *Pensamiento Hispanoamericano: una*

aproximación bibliográfica (1981); *Bolivia: 1952-1986* (1986); *Bolivia: un pueblo en busca de su identidad* (1988); *Chile: 1968-1988* (1988); *Pensamiento de la Liberación - Proyección de Ortega en Iberoamérica* (1995); *Teología y pensamiento de la liberación en la literatura iberoamericana* (1996); *Leopoldo Zea* (1997); *Más allá de la pos-modernidad - El discurso antrópico y su praxis en la cultura iberoamericana* (1999). Gómez Martínez editou, também, a Coleção *Georgia Series on Hispanic Thought*, bem como o *Anuario Bibliográfico de Historia del Pensamiento Ibero e Iberoamericano* (cinco volumes, 1989-1993).

O nosso pensador tem uma clara e sistemática idéia da metodologia que deve presidir aos estudos de história do pensamento. O seu método investigativo ancora em Ortega y Gasset, em Américo Castro e em Guillermo Francovich. Procurarei traçar uma idéia sumária deste aspecto do pensamento de Gómez Martínez, que é fundamental, a meu modo de ver, para entender a magnitude do trabalho por ele realizado no terreno da historiografia das idéias. O nosso autor começa destacando que há dois extremos a serem evitados em face do pensamento ibero-americano: em primeiro lugar, a atitude dos que acham que tudo é simples repetição do pensamento europeu; em segundo lugar, a dos que negam de plano que seja possível um pensamento autóctone. Se referindo à particular circunstância do pensamento boliviano, escreve, a respeito, o nosso autor: “O estudo do pensamento ibero-americano e, no nosso caso concreto, do boliviano, tem estado até agora subordinado a categorias de valores criadas para outros povos, com os quais o boliviano parece-se muito pouco. O resultado de tais estudos tem sido, ou bem tratar de demonstrar uma adaptação original do pensamento europeu à circunstância boliviana; ou bem negar com ênfase a existência de um pensamento autóctone e falar somente de uma imitação vaga, superficial, daquilo que já foi pensado na Europa”.³

³ Gómez Martínez, José Luis. *Bolivia: un pueblo en busca de su identidad*. La Paz – Cochabamba: Editorial Los Amigos del Libro, 1988, pg. 31.

A fim de encontrar a identidade própria do pensamento ibero-americano, Gómez Martínez assinala, como ponto de partida da sua caminhada, a idéia orteguiana de *circunstância* complementada com o conceito-chave de Américo Castro de *Moradia Vital*, nos seguintes termos: “No meu estudo do boliviano [poderíamos acrescentar, do ibero-americano em geral], parto da convicção de que todo pensador responde a uma circunstância concreta; tanto se aceitar os problemas que a circunstância lhe apresenta, como se os ignorar; tanto se conceber a filosofia como teoria, ou se a abordar como prática. A circunstância passa, assim, a ser um elemento essencial na construção de uma metodologia que nos torne possível, depois, estudar a moradia vital de um povo a partir da sua própria realidade”.⁴

O célebre princípio orteguiano “yo soy yo y mi circunstancia, y si no la salvo a ella no me salvo yo”, é interpretado por Gómez Martínez no seguinte sentido: ao estar o homem colocado, irremediavelmente, no espaço e no tempo, “afirmamos igualmente que a realidade somente poderá ser observada do ponto de vista que a cada um lhe proporcionar a sua própria circunstância”. Ora, o ponto de vista individual tem muito pouco de subjetivo e muito de circunstância. Esta passa a um primeiro plano. Mas isso não significa que a pessoa tenha de permanecer fatalmente atada ao que as circunstâncias delimitam. Abre-se uma perspectiva de interação entre a pessoa e a circunstância. A respeito, afirma o nosso pensador: “O homem, o *eu*, na sua individualidade, é essencial e constitui o elemento criador, o motor que aporta dinamismo à vida, que a torna possível. E se bem esse *eu*, mesmo na sua liberdade, encontra-se limitado pela *circunstância* em que vive, e está forçado a ver o mundo do ponto de vista concreto em que se encontra situado, a sua visão, que possui um elemento pessoal, está chamada a influenciar, por sua vez, naquilo que a rodeia, na circunstância, que na sua limitada

⁴ Gómez Martínez, *ob. cit.*, pg. 33.

capacidade modifica e à qual dota de dinamismo”.⁵ Em relação a este ponto, Gómez Martínez lembra as conhecidas palavras de Ortega: “De lo que hoy se empieza a pensar depende lo que mañana se vivirá em las plazuelas”. O caráter dinâmico da história surge precisamente aí, nessa íntima relação de mútua influência entre o homem e a sua circunstância.

Dizíamos anteriormente que Gómez Martínez completa o termo orteguiano *circunstância* com a expressão *moradia vital*, tirada de Américo Castro. Ao fazê-lo, situa-se no plano do devenir histórico das sociedades. A *moradia vital* consiste na circunstância do sujeito coletivo, do povo, é como uma espécie de *Volkgeist*. Assim explica o nosso autor esse termo: “Para melhor analisa-la, devemos considera-la enquadrada em meio de duas coordenadas: uma que representa o tempo, outra o espaço. O ponto no espaço significa um momento concreto no desenvolvimento da *moradia vital*. A linha no tempo é a evolução da *moradia vital* de um povo através dos séculos. Em qualquer momento de sua evolução, a *moradia vital* de um povo participa de dois elementos essenciais: o telúrico e o antropológico. A diferença de ambos depende do grau de cultura técnica atingido por um povo. Entre os povos primitivos, na técnica o elemento telúrico chega às vezes a se impor e está em todo momento presente. Nos povos tecnicamente avançados, de grande desenvolvimento urbano, a influência telúrica diminui ao mesmo tempo em que se impõe o elemento humano”.⁶

O nosso pensador identifica uma dupla atitude da pessoa em face da sua *moradia vital*: passiva, quando se trata de transmitir aos outros e às futuras gerações o legado cultural e afetivo que recebeu dos antepassados. Ativa e prometeica, quando o indivíduo se rebela contra a ordem estabelecida, e tenta marcar as circunstâncias com o selo da sua personalidade. A respeito, afirma: “O homem, como indivíduo e como membro da sociedade, participa também na

⁵ Gómez Martínez, José Luis, *ob.cit.*, pg. 35.

⁶ Gómez Martínez, *ob.cit.*, pg. 36.

evolução da *moradia vital* de duas formas diferentes. Como membro da sociedade, faz parte da memória coletiva que torna possível que as tradições e os costumes sejam transmitidos de uma geração a outra. Como indivíduo, rebela-se contra essas mesmas tradições, dando lugar, assim, à lenta transformação da *moradia vital*. Em ambos os casos, a participação do indivíduo é diversa. Na transmissão das tradições é um membro passivo, com uma contribuição subconsciente. Só participa ativamente quando, após analisar o que herda, decide pela sua aceitação ou rejeição. Quer dizer, existe uma diferença básica no seu comportamento, que também determina a sua participação: o homem vive aquilo que herda e somente participa como indivíduo quando toma consciência e unicamente na medida em que toma consciência de viver naquilo que é herdado”.⁷

O cerne da herança recebida é constituído pelas *crenças*. Estas são definidas assim por Ortega: “Todas aquelas coisas com que absolutamente contamos, mesmo que não pensemos nelas. De tanto estar seguros de que existem e de que são segundo acreditamos, não nos questionamos em face delas, mas comportamo-nos automaticamente levando-as em conta”.⁸ Elas são como que o núcleo da nossa representação da realidade e aquilo que nos confere a segurança emocional de que precisamos em face do mundo hostil e desconhecido. “Constituem - frisa Ortega, citado pelo nosso autor - a base da nossa vida, o terreno sobre o qual ela acontece. Porque elas nos colocam diante do que para nós é a realidade mesma. Toda a nossa conduta, inclusive a intelectual, depende de qual seja o sistema de nossas crenças autênticas. Nelas vivemos, nos movimentamos e existimos”.⁹ Gómez Martínez estabelece uma comparação entre os binômios *moradia vital alicerçada em crenças / indivíduo* (no terreno da cultura), e *língua / fala* (no terreno da lingüística saussuriana), destacando que “somente naqueles casos em que o homem toma consciência das limitações que a *língua* lhe impõe, pode chegar a

⁷ Gómez Martínez, *ob.cit.*, pg. 37.

⁸ Ortega y Gasset, *Ideas y Creencias*, cit. por Gómez Martínez, *ob.cit.*, pg. 37

⁹ Cit. Por Gómez Martínez, *ob.cit.*, pg. 39.

supera-la” mediante sua fala. Paralelamente, só pode o homem modificar aquela *moradia vital* cujas crenças conheça em profundidade. Não pode haver, no terreno da cultura, mudanças *ex nihilo*. Precisamos nos apropriar do passado se quisermos supera-lo.

O nosso autor coroa a análise das relações entre *moradia vital* e *indivíduo*, formulando a metodologia que deveria ser seguida nos estudos que pretendem identificar a alma dos povos hispano-americanos. Tal metodologia consta de quatro passos, a saber: 1 - estabelecer como e quando se formou a *moradia vital* de um povo; 2 - identificar como se deu a evolução da *moradia vital*; 3 - identificar as idéias que viraram crenças (ligadas aos *mitos* profundos) do povo em apreço; 4 - identificar as crenças (e os *mitos profundos*) de um povo que passaram a influenciar nas *moradias vitais* de outros povos.

Em relação a este último ponto da metodologia apontada, Gómez Martínez considera que um povo consegue influenciar em outro, em decorrência do fato de lhe passar as suas crenças fundamentais alicerçadas em alguns dos seus *mitos profundos*. A respeito, escreve: “Esse é o processo mediante o qual as idéias chegam a ser universais: não mediante a abstração filosófica, mas através da concreção histórica. Daí também se deduz que os valores universais pareçam acompanhar aqueles povos que pelo seu ímpeto vital colocam-se, como líderes históricos, à vanguarda do desenvolvimento humano. Isso aconteceu, no nosso mundo ocidental, com Grécia e Roma, com a Espanha, França, Inglaterra e Alemanha. E assim acontece hoje com os Estados Unidos”.¹⁰

Chegados a este ponto na exposição da metodologia de Gómez Martínez no que tange à historiografia do pensamento, vale a pena aprofundar, com ele, no sentido dos denominados *mitos profundos*. Estes são como os arquétipos platônicos da meditação de um povo, ou como a Idéia hegeliana no devir histórico de uma

¹⁰ Gómez Martínez, *ob.cit.*, pg. 42.

coletividade. Neste aprofundamento, o nosso autor segue as pegadas do pensador boliviano Guillermo Francovich. Segundo ele, os mitos são “a expressão de atitudes vitais, de sentimentos e de experiências que se manifestam como convicções cuja certeza é tal que passam a ser tidas como sagradas, como evidentes por si mesmas, situando-se num plano que as afasta de qualquer tentativa de crítica racionalizada”. Os mitos, para o filósofo boliviano, representam uma categoria especial de crenças que dizem relação a vivências de forte conteúdo subjetivo, cujos “conteúdos estão ao alcance de qualquer pessoa (...) e acordam ressonâncias na alma coletiva”.¹¹ Os mitos constituem, pois, para Francovich, como espécies de ganchos metafísicos que possibilitam o ordenamento do real e sem os quais perderiam sentido o tempo e o espaço humanos. Constituem essa esfera do sagrado em que mergulham os alicerces do cosmo e do homem, nas antigas cosmogonias. A respeito, o nosso autor cita a conclusão de Guillermo Francovich: “Os mitos são geralmente invulneráveis à crítica. Não costumam ser derrubados pela razão. Perdem a sua vigência quando desaparecem as circunstâncias que lhes deram nascimento, quando há uma mudança da sensibilidade à que correspondem. E são tanto mais resistentes quanto mais profundas forem as experiências que os sustentam. Os mitos possuem vida própria. Correspondem a uma sensibilidade vital. Não são destruídos de fora. Morrem por dentro”.¹²

Guillermo Francovich, de modo semelhante a como Gómez Martínez faz em relação à *moradia vital*, assinala uma metodologia para o estudo dos mitos e da sua ação na dinâmica histórica das culturas dos povos. Tal metodologia tem três passos, a saber: 1 - estabelecer os mitos que possuem vigência numa determinada época da história de um povo; 2 - pesquisar as causas que motivaram a sua aparição e, 3 - traçar o caminho que percorreram para se converterem em mitos profundos e logo desaparecerem sob a ação de novas idéias.

¹¹ Francovich, Guillermo, apud Gómez Martínez, José Luis, *ob.cit.*, pg. 47-48.

¹² Francovich, Guillermo, apud Gómez Martínez, José Luis, *ob.cit.*, pg. 48.

O conceito de *mitos profundos* é, pois, de capital importância na epistemologia historiográfica das culturas. Por isso vale a pena lembrar com Gómez Martínez a caracterização que desses arquétipos faz o pensador boliviano, com as seguintes palavras: “Em cada época há [um mito] que chega a impor o seu domínio. Atuando vigorosamente sobre a sensibilidade coletiva, dotado de grande densidade humana, alarga a sua influência à consciência toda da respectiva época e termina dando a esta uma fisionomia e um caráter que a diferenciam das outras. Esses são os que denominamos de *mitos profundos*”.¹³

O poder dos *mitos profundos* é de tal natureza que pode fazer com que a realidade seja subsumida, na representação de um povo, numa área de magia ou de irrealidade, algo assim como o universo imaginário em que Jorge Luis Borges faz mergulhar o cotidiano, algo semelhante ao realismo mágico de García Márquez ou equivalente a essa paradoxal e progressiva evanescência imaginária do real na grande obra da língua espanhola, *O Quixote*, onde a prosaica realidade da Espanha do século XVII toma carona na imaginação delirante do Cavaleiro da Triste Figura, para se converter, com ele, em grande epopéia onírica que faz renascer os ideais medievais da honra, próprios das saudosas e heróicas Ordens de Cavalaria.

A respeito desse estatuto imaginário dos *mitos profundos*, conclui Gómez Martínez: “Com a teoria dos mitos que nos propõe Guillermo Francovich, adicionamos um elemento crucial à compreensão da *moradia vital*, que nos possibilita, agora, completar o desenvolvimento teórico que estamos expondo (...). Efetivamente, com os mitos abrimos espaço, na *moradia vital*, não só a fatores reais, mas também àquelas percepções subjetivas que chegam a formar parte do fundo das crenças. Isso é de tal forma importante que, no estudo da evolução de um povo, pode chegar a ter mais valor uma percepção carente de bases reais, ou ao menos discutíveis, que fatos perfeitamente documentáveis. (...). Ou seja,

¹³ Francovich, Guillermo, apud Gómez Martínez, *ob. cit.*, pg. 49.

embora o mito em que viveu um povo chegue a ser reconhecido como carente de fundamento na realidade dos fatos que num início o motivaram, o seu valor não por isso diminui”.¹⁴

Com a metodologia apontada, (que, como vimos, alicerça-se em Ortega, em Américo Castro e em Francovich), Gómez Martínez torna possível o estudo sistemático do pensamento ibérico e ibero-americano, se abrindo a todas as suas manifestações e sem prejudicar acerca dos autores, ouvindo-os e recolhendo as suas concepções, de forma a traçar um quadro fiel da concepção de mundo e de homem que os anima, sobre o pano de fundo dos *mitos profundos* em que ancoram as suas respectivas *moradias vitais*. Anotemos, de passagem, que a metodologia apontada pelo nosso autor encontra bastante semelhança com a apresentada por Miguel Reale, que foi claramente resumida por Antônio Paim da seguinte forma: “O impulso maior no exame do pensamento brasileiro tem lugar sobretudo neste pós-guerra, notadamente, após a criação do Instituto Brasileiro de Filosofia (1949). A instituição buscou congregar os pensadores das mais diversas tendências, inaugurando uma prática não discriminatória que dura por cerca de três décadas e criando o hábito da condução do debate filosófico no ambiente de integral serenidade. Ao antigo espírito polêmico, que alimenta como valor primordial a conquista da vitória no combate, sobrepôs-se o empenho de aprofundamento dos temas e problemas suscitados. A par disto, o professor Miguel Reale, presidente do Instituto, elaborou um método para o exame do pensamento brasileiro de comprovada eficácia. Consiste: 1º. - em identificar o problema (ou os problemas) que tinha pela frente o pensador, prescindindo da busca de filiações a correntes; 2º. - em abandonar o confronto de interpretações e, portanto, o cotejo das idéias do pensador estudado com outras possíveis, para eleger entre uma ou outra; e, 3º. - em ocupar-se preferentemente da identificação de elos e derivações que permitam apreender as linhas de continuidade real de nossa meditação. Com

¹⁴ Gómez Martínez, *ob. cit.*, pg. 49-50.

semelhante espírito, alguns estudiosos conseguiram preencher lacunas, promover a reedição de textos e estabelecer novas hipóteses de trabalho”.¹⁵ Poderíamos dizer que o método proposto por Gómez Martinez completa magnificamente a metodologia indicada por Reale, ao tornar possível a clara identificação das “linhas de continuidade real” da meditação ibérica e ibero-americana, tendo como referência os *mitos profundos* que solidificaram a *moradia vital* dos nossos povos.

Mas o nosso pensador não se detém aqui. Busca encontrar qual seria o gênero literário mais apropriado para exprimir a meditação ibérica e ibero-americana. Diferentes dos alemães, nós, ibéricos e ibero-americanos, exprimimo-nos mais à vontade através do *ensaio* do que no *tratado* ou nos grandes *sistemas* de pensamento. Muito da mediação sobre o homem ibérico e ibero-americano veio plasmado em obras que se aproximam da literatura ou do debate entre escritores ao redor de temas como economia, filosofia, história, literatura, política, sociologia e artes. Ora, não há dúvida de que o gênero *ensaio* exprime melhor a nossa forma particular de meditar sobre o mundo e o homem, partindo desses vários pontos de vista. Isso já tinha sido apontado por Ortega. Assim explicavam, em 1986, os editores da revista ***Los Ensayistas*** (publicação editada por Gómez Martinez), essa opção abrangente: “Durante os últimos doze anos, ***Los Ensayistas*** enfatizou o estudo do ensaio como gênero literário e como campo de pesquisa. Embora amplamente satisfeitos com os resultados, os editores cremos, no entanto, que já é tempo para nos embarcarmos num novo curso de ação quanto à abrangência e formato da revista. Uma mudança de título em 1985 refletiu a nova orientação: ***Los ensayistas - Geórgia Series on Hispanic Thought***. O nosso plano consiste em dividir cada número em várias seções: economia, filosofia, história, literatura, política, sociologia e artes. Os ensaios em cada divisão ocupar-se-ão das bases filosóficas e intelectuais da disciplina. Cada artigo apresentará uma análise

¹⁵ Paim, Antônio, “Situação do pensamento filosófico brasileiro nos últimos tempos”. In: Francovich, Guillermo, *Filósofos brasileiros*, ob.cit., pg. 103.

completa da disciplina e incluirá uma bibliografia extensa, que será útil para uma ulterior pesquisa. Dentro desse formato, dedicaremos cada volume a uma área específica do mundo hispânico, concentrando-nos na cena contemporânea, ou seja, limitando a discussão e a bibliografia aos últimos cinquenta ou vinte anos”.¹⁶

Estavam, assim, deitadas as bases do que seria o grande empreendimento editorial de Gómez Martínez, que consiste nos cinco volumes do *Anuario Bibliográfico de Historia del Pensamiento Ibero e Iberoamericano*, que foram publicados entre 1989 e 1993, abarcando a bibliografia produzida entre 1986 e 1990. Na Introdução ao primeiro volume desta série, o nosso autor propunha-se a reagir contra “uma mentalidade colonial que se nega a desaparecer: duvidamos do valor do nosso pensamento e por isso não o consideramos digno de ser divulgado”.¹⁷ Ao falar dos objetivos da mencionada publicação, Gómez Martínez frisava: “A publicação deste *Anuario Bibliográfico* propõe-se, fundamentalmente, a preencher um vácuo bibliográfico e favorecer assim a divulgação do pensado no mundo hispânico. Como todo primeiro intento, este não é tão completo quanto se previu num início. Razões muito variadas, mas que serão superadas nos próximos números, levaram a que não se pudessem incluir aqui as bibliografias correspondentes à América Central, ao Caribe, à Colômbia, Peru, Equador, Uruguai e Paraguai. No próximo número esperamos igualmente incluir seções com aquilo que tenha sido publicado no Canadá, na Inglaterra, na Itália e na Rússia”.¹⁸

No que tange ao uso do termo “pensamento” em lugar de “filosofia”, eis a justificativa do nosso autor: “O uso de um conceito tão ambíguo quanto o de *pensamento* para determinar o conteúdo do *Anuario* acarreta também sérios

¹⁶ “Nueva política editorial”, in: *Los Ensayistas, Georgia Series on Hispanic Thought – Bolivia: 1952-1986*, Athens: The Center for Latin American Studies; La Paz: Editorial Artística, números 20-21 (Summer 1986): pg. 5.

¹⁷ Gómez Martínez, José Luis. “Introducción”. In: *Anuario Bibliográfico de Historia del Pensamiento Ibero e Iberoamericano – 1986*. Athens: The University of Georgia, 1986, pg. 5

¹⁸ Gómez Martínez, José Luis, “Introducción”, in: *Anuario Bibliográfico de Historia del Pensamiento Ibero e Iberoamericano*. Ob. cit., pg. 5.

problemas de interpretação, mesmo que esses não sejam tão óbvios nos próximos números, uma vez tenha sido formalizada a equipe de colaboradores. O termo foi escolhido por acreditarmos que o conceito mesmo de *pensamento* significa já uma libertação, graças à qual abarcamos os diversos meios de que faz uso o pensamento ibero e ibero-americano, para superar o freqüente engessamento de uma filosofia acadêmica ainda dominada por uma servil imitação de modelos centro-europeus e estadunidenses. Isso permite-nos, também, incluir pensadores como José Martí, Pedro Laín Entralgo ou Eduardo Galeano, junto com outros mais sistemáticos na sua formação como Carlos Vaz Ferreira ou Xavier Zubiri”.¹⁹

É interessante destacar aqui, de novo, uma semelhança entre a opção metodológica de Gómez Martínez e a adotada pelos estudiosos da meditação brasileira, justamente em relação ao uso do termo *pensamento*, para se referirem à reflexão dos autores nacionais. Tanto na *Revista Brasileira de Filosofia*, órgão do Instituto criado por Miguel Reale em 1949, quanto na revista *Convivium* (editada por Adolpho Crippa em São Paulo, entre 1962 e 1993), bem como nas publicações efetivadas pelo Centro de Documentação do Pensamento Brasileiro fundado por Antônio Paim em 1982, foi adotado o termo *pensamento* para exprimir a meditação brasileira. Algo semelhante ocorre com os vários verbetes dedicados à reflexão filosófica portuguesa e brasileira na *Enciclopédia Logos*, publicada em Lisboa entre 1989 e 1992.²⁰

Minhas senhoras, meus senhores: chego ao final da minha saudação ao egrégio confrade José Luis Gómez Martínez, que ingressa na nossa Academia

¹⁹ Gómez Martínez, José Luis, “Introducción”, in: *Anuario Bibliográfico de Historia del Pensamiento Ibero e Iberoamericano*. Ob. cit., pg. 5-6.

²⁰ Cf. *Dicionário biobibliográfico de autores brasileiros: filosofia, pensamento político, sociologia, antropologia*, organizado pelo Centro de Documentação do Pensamento Brasileiro, Salvador: CDPB; Brasília: Senado Federal, 1999, Coleção Biblioteca Básica Brasileira. Cf. também, *Logos – Enciclopédia Luso-Brasileira de Filosofia, 5 volumes*. (Editada pela Universidade Católica Portuguesa, com a coordenação de Roque Cabral, Francisco da Gama Caeiro, Antônio Paim e outros). Lisboa: Editorial Verbo, 1989-1992. Cf. Antônio Paim, *O estudo do pensamento filosófico brasileiro*. 1ª Edição, Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1979.

Brasileira de Filosofia abrilhantando os seus quadros como um dos mais importantes pesquisadores e divulgadores, a nível mundial, da cultura ibérica e ibero-americana. Os números estão aí e não me deixam mentir. O Projeto *Ensayo*, que deu lugar à publicação do *Anuario Bibliográfico de Historia del Pensamiento Ibero e Iberoamericano*, conseguiu aglutinar, em 1993, vinte e nove pesquisadores espalhados pelo mundo afora, que divulgaram, de maneira sistemática, em 3.597 entradas, a produção bibliográfica sobre temas ibéricos e ibero-americanos publicada nos seguintes países: Alemanha, Áustria, Argentina, Bolívia, Brasil, Colômbia, Costa Rica, República Tcheca, Chile, Equador, Espanha, Estados Unidos, França, Itália, México, Paraguai, Peru, Polônia, Portugal, Porto Rico, África do Sul, Uruguai e Venezuela. Nunca, no mundo ibérico e ibero-americano, como tampouco nos Centros de Estudos Latino-Americanos dos Estados Unidos e da Europa, tinha sido feito um levantamento de tal magnitude, acerca das fontes bibliográficas do nosso universo cultural. Levantamento feito, aliás, com total isenção e procurando refletir as variadíssimas nuances da meditação acerca do homem e do universo ibérico e ibero-americano.

A empresa desenvolvida por Gómez Martínez ganhou culminância a partir de fins da década passada, com a inauguração do *Portal Ensayo*, que incorporou e divulga, na rede mundial de computadores, tudo quanto tinha sido levantado pelos *Anuários*, além dos trabalhos sobre pensadores e correntes realizados a partir de 1997, ampliando substancialmente o número dos colaboradores. O endereço eletrônico *ensayistas.org* é, hoje, página de obrigada consulta para qualquer pesquisador ou estudioso que queira ter uma visão ampla e rápida da riqueza do pensamento ibero e ibero-americano. Tudo isso se deve à inteligência, ao trabalho diuturno, à persistência, à abertura cultural e à generosidade deste novo membro da Academia Brasileira de Filosofia. Caro amigo e confrade José Luis Gómez Martínez: seja bem-vindo à nossa Academia, que o recebe com orgulho e com os

braços abertos!

Muito obrigado.